



UnB

Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Licenciatura em Letras/Português

Monografia em Literatura

MAYK BARBOSA MOURA

15/0043112

**Imagens da natureza em *As meninas*: Uma reflexão ecocrítica da obra
de Lygia Fagundes Telles**

MENÇÃO

MS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Virgínia Maria Vasconcelos Leal

Brasília - DF

2022



UnB

Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Licenciatura em Letras Português
Monografia em literatura

MAYK BARBOSA MOURA
15/0043112

Monografia em Literatura apresentada ao programa de Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras –Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Virgínia Maria Vasconcelos Leal.

Brasília - DF

2022

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que me ajudaram nessa jornada difícil que foi a minha graduação. Algumas destas pessoas me acompanham desde que me entendo por gente. Os primeiros agradecimentos, naturalmente, vão para minha mãe Ivonete e meu pai Neto. Mando também um agradecimento especial para minhas Tias Fátima e Edinir que me inspiraram e me ajudaram quando precisei. Gostaria de agradecer ao meu gato, Cheetos, por ser o melhor *roommate* que alguém poderia querer durante estes últimos onze anos de companheirismo

Também gostaria de agradecer a alguns amigos de longa data, alguns que me acompanham há mais de dez anos. Ao grupo do Cine Trauma, Tatiane, Rafael e Wellington, agradeço pelo companheirismo e pela paciência de me acompanharem durante tanto tempo da minha vida e do meu amadurecimento.

Aos amigos que fiz na UnB também devo meu agradecimento. Aos meus colegas de Letras Roberto e Amanda agradeço pela ajuda e pelo companheirismo. Ao Pedro pela ajuda eventual nas correções ortográficas.

Mando um agradecimento especial ao meu grande amigo Luvs por sua paciência e companheirismo, também por me ajudar por tantos momentos difíceis, especialmente durante a pandemia, com um ouvido amigo para ouvir e entender minhas angústias. Ao meu amigo Newton por uma conversa que tivemos uma tarde em que ele me tranquilizou sobre escrever qualquer trabalho acadêmico e me fazer acreditar que era possível. Por último, agradeço a paciência e a orientação da professora Virgínia Maria Vasconcelos Leal que tem me ajudado com dedicação e delicadeza.

Resumo

Esta monografia utiliza o arcabouço teórico da ecocrítica e do ecofeminismo para entender a influência da literatura na biosfera e sua possibilidade de intervenção na luta contra a opressão do ser humano sobre a Natureza e sobre as mulheres. Para demonstrar como este arcabouço teórico pode ser usado, será feita uma análise ecocrítica de *As meninas* de Lygia Fagundes Telles, obra em que imagens que remetem à Natureza, como a areia, uma flor sustentada por um fio de arame e uma concha cor-de-rosa conseguem gerar uma consciência ecológica em relação às formas de dominação masculina.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Lygia Fagundes Telles; ecologia; ecocrítica

Sumário

Introdução.....	1
1. A experiência humana na literatura de Lygia Fagundes Telles.....	3
2. A importância de uma visão ecológica sobre a literatura.....	8
3. Imagens da natureza em <i>As meninas</i>	19
4. Considerações Finais.....	29
5. Referências bibliográficas.....	31

Introdução

Este trabalho é uma análise do romance *As meninas* de Lygia Fagundes Telles sob a perspectiva da ecocrítica. Para melhor explicar os temas a serem tratados, ele será dividido em três partes: A experiência humana na literatura de Lygia Fagundes Telles, A importância de uma visão ecológica sobre a literatura, e, por último, imagens da Natureza em as meninas.

Na primeira parte, discorre-se sobre as características gerais da escritora e sobre sua obra, mais especificamente sobre a maneira como esta consegue em narrativas sobre os estados mentais de seus personagens retratar o seu tempo histórico e desvelar de maneira simbólica e profunda o cerne da experiência humana. Nesta parte, o texto “A densidade do aparente” de Sônia Régis, será usado como suporte teórico para entender como a técnica do fluxo de consciência, presente na obra de Lygia Fagundes Telles, cria uma narrativa simbólica e sinestésica, ao mesmo tempo em que revela diversos sentidos que podem ser interpretados pelo leitor.

Na segunda parte, haverá a exposição de alguns conceitos relacionados à ecologia para que se possa entender qual é o efeito da literatura na biosfera, e como este efeito pode ajudar a promover a sustentabilidade e a vida. Para realizar esta discussão, serão utilizados diversos autores, a começar por Rita Terezinha Schmidt que nos ajuda a entender qual é o papel dos estudos de ecologia na preservação do meio ambiente e na promoção da sustentabilidade. Para demonstrar como a literatura pode promover uma consciência ecológica, será utilizado um texto de William Rueckert no qual ele inaugura o termo ecocrítica e desenvolve de maneira poética uma teoria sobre a influência da literatura na maneira como vivemos e como ela pode promover uma vida mais sustentável.

Ainda na segunda parte, utiliza-se a ideia de ecosofia cunhada por Félix Guattari em seu livro “As três ecologias”, no qual o autor expande a noção de ecologia para além das florestas, desertos e oceanos, e propõe a noção de que existem também as ecologias das relações sociais e da subjetividade humana. Podemos dizer, através da leitura do texto de Guattari, que uma obra literária é uma articulação ético-estética e que teria o poder de ajudar na formação de uma subjetividade ecosófica no leitor, fazendo com que este tenha atitudes benéficas para si mesmo, para as pessoas com quem ele convive e com o meio ambiente.

Para entender a relação entre a ecologia e a opressão que se abate sobre as mulheres na sociedade brasileira, será utilizado o texto de Maximiliano Torres, no qual o autor discorre sobre a relação entre a dominação colonialista e racista da Natureza com a dominação patriarcal do homem sobre as mulheres. Em seu texto o autor discorre sobre a história do movimento ecofeminista e explica as diferentes correntes de pensamento que ajudaram a formar a linha ecofeminista construtivista que inspirou este trabalho. Também será utilizado o texto “O que é uma mulher?” de

Susana Funck, para ajudar a definir melhor o que o se quer dizer neste trabalho quando falamos sobre mulheres.

Na parte final do trabalho, é feita uma análise do romance *As meninas* utilizando o arcabouço teórico da ecocrítica. Nesta análise, são utilizadas três imagens que aparecem no romance e que levam o leitor a refletir sobre a relação entre a destruição da natureza e a opressão feminina. Estas imagens representam angústias existenciais sofridas por cada uma das narradoras do romance, as imagens são: flores sustentadas por arames que se relacionam com a história de Ana Clara, um pedregulho e imagem da areia que aparecem na narração de Lia, e, por último a concha cor-de-rosa onde Lorena habita.

Por fim, nas considerações finais do trabalho, haverá uma reflexão sobre a marca que Lygia Fagundes Telles deixou na literatura brasileira e sobre como a obra da autora se mantém atual e se faz cada vez mais necessária para entender o Brasil dos últimos anos.

1. A experiência humana na literatura de Lygia Fagundes Telles

Lygia Fagundes Telles é uma escritora paulista de romances e contos que se destacou por obras de grande valor estético e de natureza existencial. Seus escritos são conhecidos pela crítica e pelo público cativo por seu universo povoado por comunidades de mulheres refletindo sobre o seu lugar na sociedade e lidando com seus desejos e limitações enquanto seres oprimidos por estruturas de poder patriarcais. Há também em sua obra temas como homossexualidade, as crises de valores que tentam resistir à evolução da história e da luta de classes, vários deles podem ser considerados centrais, mas o principal tema, o que mais se repete, são as questões de gênero, seja no âmbito da sexualidade, da independência financeira ou dos desvios de papéis sociais.

Do ponto de vista formal, seus livros apresentam uma narrativa construída através dos pensamentos interiores das personagens, da aflição frente à incerteza que é o futuro e da interação íntima entre diferentes subjetividades. A autora utiliza-se de pontuação gráfica, sintaxe e ritmo próprios para tecer um texto que represente o diálogo interior das personagens, criando um fluxo de consciência. Fluxo de consciência, que é um conceito da psicanálise, trata-se da ferramenta que o psicanalista utiliza, de analisar o discurso relaxado e prolífico do paciente, para ter acesso ao subconsciente do mesmo. Na literatura, o fluxo de consciência foi popularizado por autores como James Joyce, Virginia Woolf e Dostoiévski.

A autora publicou quatro romances e vinte antologias de contos. Entre suas obras mais importantes, destaca-se o seu romance de estreia *Ciranda de pedra*, que foi adaptado para a televisão em forma de telenovela em duas ocasiões, 1981 e 2008 e talvez por isso seja seu romance mais popular. O romance a ser analisado neste trabalho é *As meninas*, que foi adaptado para o cinema em 1995, e conta a história de três jovens universitárias vivendo em um pensionato de freiras durante a ditadura militar. *As Meninas* destaca-se por estender a técnica de fluxo de consciência às três personagens, que se entrelaçam e dividem espaço e pensamentos. O livro é conhecido também por ter tornado público um relato real de tortura cometida pelo regime militar, um dos primeiros na época a furar o bloqueio da censura.

Da sua extensa produção de contos pode-se destacar o livro *Antes do baile verde*, que traz dezoito histórias diversas que tratam de diferentes temas caros à autora. Há *Verde lagarto amarelo* que mostra a interioridade de um irmão mais novo que se sente inferior ao irmão mais velho em tudo, menos na habilidade de escrever, para, ironicamente, ao final do conto, descobrir que o seu irmão também havia se tornado escritor. O conto que dá nome ao livro, *Antes do baile verde*, narra a história de uma jovem se preparando para um baile de carnaval e conversando com a empregada doméstica da casa sobre o envelhecimento e a possível morte de seu pai, enquanto as duas

conversam, cria-se a tensão de que o pai possa ter morrido no sono e esta tensão permeia o pensamento e a conversa das moças, mas a tensão nunca é resolvida, não ficamos sabendo se o pai morreu ou não, pois a moça decide ir ao baile ao final do conto. Estes contos, assim como o conto *A Caçada* do mesmo livro, serão tratados neste capítulo de introdução por encerrarem em si, e de maneira didática, características representativas da obra da autora que se repetem, se ampliam e serão analisadas mais a fundo em *As meninas*.

Nos seus romances e contos, a escritora utiliza-se de cores, cheiros, sensações e sentimentos para criar impressão de sinestesia, que penetra o leitor e o faz sentir-se envolvido na obra de maneira quase física. Há cores até nos títulos dos contos, o baile verde, que representa a juventude da protagonista como acontece nas folhas e frutos que estão no seu momento de amadurecer, contrasta com o destino do pai que pode ter chegado ao fim de sua jornada e se encontra na cama sem ser velado. A sinestesia em sua obra, portanto, não é somente estética, mas também simbólica, representativa, mimética, pois traz sensações que atraem, mas que também tentam capturar nos signos a verdade maior da vida, no caso de *Antes do baile verde*, a cor no título faz pensar nos ciclos de exuberância que se produzem concomitantemente aos de morte e esquecimento.

Há na literatura lygiana uma grande complexidade significativa na qual se misturam os signos poéticos, como as cores, os animais, e os sons com uma sintaxe própria, que se utiliza dos sinais gráficos, como a vírgula, ponto final e ponto e vírgula, para recriar o ritmo de livre associação que aparece quando narramos ou relembramos uma história. O enredo, os signos e a pontuação presentes na obra dão polimento a palavras gastas pelo seu uso cotidiano e as transformam, criando significados que dialogam com a subjetividade do leitor e faz com que ele interaja ativamente na construção de sentido da obra.

Em seus contos e nos seus quatro romances, a autora nos leva em uma viagem pela consciência de outras pessoas, pessoas estas que são construídas habilmente para nos causar assombro ou ternura ante este encontro com o outro. Segundo Sônia Régis, em seu texto “A densidade do aparente”, a literatura pode ser descrita como um encontro entre a subjetividade do leitor com as identidades ficcionais apresentadas na obra. Sendo assim o papel da escritora seria o de usar o material da linguagem para esculpir nela a obra de arte que é o texto; a linguagem, os signos, as vivências e muitas vezes até os enredos já existem isolados na consciência do público, a obra de arte nos apresenta tudo isto em um só espaço ficcional.(RÉGIS, 1998, p. 86)

Sônia Régis explica em seu texto que este fenômeno do fluxo de consciência, é feito através da livre associação de ideias e acontece devido à uma “dinamização da memória”(RÉGIS, 1998, p. 87). Para Sônia Régis, a literatura “vive dessa sintaxe cognitiva que é o cerne da comunicação. Embora a representação seja feita com um sistema convencional, social(a linguagem), o fluxo do

pensamento provoca uma individualidade associativa (tanto conjuntiva quanto disjuntiva) na identidade de cada pessoa” (RÉGIS, 1998, p. 87).

Por seu uso meticuloso das imagens, em especial das imagens poéticas, a autora consegue tecer com as palavras obras que conseguem ao mesmo tempo gerar reflexões conflitantes, mas não contraditórias, na construção de sentido que o leitor faz do texto. Na obra lygiana há vários momentos em que a compreensão do leitor do que é o drama existencial humano ganha lastro e se expande. A autora consegue coordenar nas imagens, nas cores, nos gestos, e nas pausas entre as falas toda uma miríade de sentidos e significados, que podem exprimir a verdade da vida em vários níveis, no social, no emocional e no existencial. Não há pontos cegos na obra da autora, esta consegue ser ao mesmo tempo relevante como registro histórico de seu tempo, seja na representação do estado das coisas no mundo político ou na representação de anseios geracionais. Por isto, suas obras se mantêm atuais e relevantes independentemente do momento em que forem lidas, pois trazem em si a vida humana imutável nas suas delícias e nos seus desejos.

Na obra lygiana, mais importante do que a representação do aparente, utilizando termo de Sônia Régis, do que pode ser narrado de maneira interessante, há o desvelamento do que há por baixo das aparências, aquilo que está no âmago e só consegue ser capturado pela imagem poética, ou simbólica: as relações sociais, a mesquinharia, a vaidade, a avareza, a crueldade e também o amor. Ao mesmo tempo que revela sentidos, o signo não determina sentido, ele é múltiplo, abarca vários sentidos para várias pessoas. As personagens nos causam ternura por seus dramas, estes dramas também revelam uma visão de mundo limitada, seja pela classe social destas ou por suas paixões.

As reflexões literárias sobre a multiplicidade de sentidos que o signo abarca também se refletem na literatura de Lygia Fagundes Telles, Sônia Régis aponta que o conto *A caçada* reflete de maneira poética a capacidade da arte em ultrapassar a superfície do aparente e de revelar sua densidade múltipla de sentidos. O conto narra a experiência fantástica de um homem ao se deparar com um tapete exposto na vitrine de um antiquário. Neste tapete velho e dilapidado está representada uma cena de caçada e o homem se perde nesta representação, mas não de maneira unívoca, primeiro ele consegue identificar dois caçadores observando um veado que foge, imediatamente o homem se sente no lugar dos caçadores, dominando a Natureza e afirmando sua vida. Depois o homem percebe um pequeno ponto cinza no tapete e pensa reconhecer neste ponto, que pode ser somente uma parte deteriorada do tecido do tapete, uma flecha prestes a matar o animal que foge. A ameaça iminente à vida do veado transporta o homem para o lugar do animal caçado, fazendo com que ele se identifique com o animal e não mais com os caçadores. Assim como é com a tapeçaria, a obra de Lygia nos transporta para dentro de si, e dentro de sua obra

conseguimos penetrar a superfície do aparente e construir os sentidos mais diversos que podem ser extraídos das palavras.

Na obra lygiana os objetos e suas características são fundamentais para a construção de sentidos, seja o tapete por seu magnetismo imagético ou qualquer outra imagem que apareça nas páginas de seus livros. Para a autora, os objetos em sua materialidade são de segunda importância, o que importa, como aponta Sônia Régis, são os pensamentos que eles geram nas personagens, e tornam-se então representação ou gatilho para o desencadeamento de uma rica exposição do cerne do drama humano e também como um testemunho da história. A autora escreve:

A narrativa de Lygia Fagundes Telles é, fundamentalmente, a narrativa dos estados mentais, embora não descuide dos acontecimentos históricos e sociais. Seus romances e contos procuram surpreender o sujeito na sua palavra, tal como se dá a conhecer a si mesmo e os outros. A pontuação materializa tanto os signos da dinâmica mental das personagens surpreendidas no presente de seu discurso, quanto os vãos dos devaneios das memórias na busca de experiências. A expressão resultante da experiência da memória(indireta) funda um conhecimento mais simbólico. Ambas conjugam-se para nos conclamar e não resistir aos apelos do discurso, pois a impressão dos períodos fica na sensação concreta que eles nos causam. Assim seus textos nos levam a acompanhar intensamente pessoas e objetos. [...] Observadora atenta do mundo à sua volta, transforma os objetos em símbolos eloquentes. Até mesmo seus textos mais abstratos conseguem uma impressionante verossimilhança, por fazer com que tenhamos a mesma sensação sentida pelas personagens.(RÉGIS, 1998, p. 90)

Por fim é importante destacar que, apesar de a autora ter sido em muitos momentos tratada pela crítica literária como uma escritora intimista, ou de literatura de minorias, como aponta a Virgínia Maria Vasconcelos Leal em seu texto “Encontros e desencontros discursivos em *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles”, a autora é extremamente engajada em testemunhar a história e registrar os acontecimentos sociais que estava vivendo. *As Meninas* é um importante registro histórico do Brasil na época da ditadura, mas não foi analisado e criticado como tal na época de sua publicação ou em um dos principais trabalhos sobre o período, como aponta a autora:

É notória a ausência de *As meninas* entre as obras referenciadas, em especial nos trabalhos de Sussekind e Santiago, bastante utilizados em pesquisas sobre o período. Apesar de sua importância e contundência crítica, o romance de Lygia Fagundes Telles é pouco citado como uma das mais importantes narrativas do período, sendo a pesquisa de Regina Dalcastagnè uma dessas exceções. Parece-me que o fato de Lygia Fagundes Telles ser tantas vezes apontada como uma das expoentes dos romances de autoria feminina no Brasil tem influência nesta exclusão.(LEAL, 2002, p. 249)

Neste trabalho será feita uma análise do romance através das lentes da ecologia para entender a quais espaços as mulheres são relegadas socialmente no Brasil. O que se pretende é entender como a ideia de mulher é socialmente construída através da cultura, das artes e da mídia e ressaltar como a autora utiliza-se de todas as ferramentas linguísticas e simbólicas explicitadas nesta introdução para criar uma obra que revele a realidade através da construção de sentidos que literatura proporciona.

2. A importância de uma visão ecológica sobre a literatura

Antes de nos ocuparmos da leitura e análise ecocrítica de *As Meninas*, faz-se necessário pincelar em termos abrangentes de que se trata este termo e qual é a relação que ecologia tem com a literatura e os estudos críticos de cultura. Fortuitamente, assim como em muitos casos de teorias de crítica cultural, a relação pode começar a ser traçada inicialmente pelo próprio nome da disciplina: Ecologia. A palavra vem do grego, no qual Eco(“oikos”) significa casa e “logos” significa saber, ou seja, a ecologia é a ciência dos seres em suas casas. Ao adicionarmos crítica a esta palavra, que também vem do grego(“kritis”), e que pode ser lida como julgar, ou analisar, temos um termo que indica que sua função seria julgar a casa, neste caso o planeta com os seus habitantes, julgar o seu estado de conservação, sua organização e limpeza. A ecologia se destaca em relação a outras ciências por ter um viés urgente, político e radical de estudar e subverter os sistemas de destruição da Terra e preservar a vida que nela habita.

Por sua natureza radical, ou seja, natureza de raiz, a principal função da ecologia como forma de conhecimento é perceber maneiras impróprias de habitar o ambiente em que os seres vivem e propor formas harmônicas de convivência com ele, mudando as estruturas mais profundas de produção de bens materiais e culturais que produziram as catástrofes naturais que se abatem sobre o mundo. Foi com este propósito que pensadores de vários campos do conhecimento chegaram ao conceito de sustentabilidade, visto que o estilo de vida que a humanidade levava faria com que os recursos que sustentam a vida se exaurissem em uma velocidade maior do que a Terra conseguiria os repor.

Rita Terezinha Schmidt em seu texto “(Eco) conhecimentos e a literatura no limiar da vida que vem – introdução” traz à tona a ideia de Paul J. Crutzen e Eugene F. Stoermer de que

Na longa história das relações interativas dos humanos com a Natureza, houve um momento a partir do qual os humanos se constituíram efetivamente como uma força da Natureza no sentido geológico, ou seja, as intervenções na Natureza por conta do agenciamento humano marcariam uma nova época geológica do planeta definida como antropoceno(Schmidt, 2015, p. 2)

Segundo esta ideia, a partir da chegada da Revolução Industrial, o poder de intervenção do ser humano sobre o meio ambiente fez com que este pensasse que realizou uma de suas mais antigas aspirações no contexto da filosofia ocidental, o controle do ser humano sobre o mundo natural de maneira a fazer com que a Natureza se dobre a sua vontade.

O que se produziu desde a introdução deste novo período geológico foi um sistema de exploração do trabalho e dos recursos naturais que coloca em desequilíbrio os diferentes sistemas que sustentavam a vida de outros seres não-humanos, a exploração exacerbada do trabalhador que sustenta um ritmo de produção que visa crescimento infinito ignorando a finitude da Terra e a

manutenção de um sistema de dominação colonialista, patriarcal e racista que se autoperpetua mantendo o poder financeiro e político nas mãos de uma elite mesquinha e limitada.

O capitalismo, que é o sistema descrito acima, se baseia na produção de bens de consumo e na legitimação do acúmulo de riqueza pelos donos dos meios de produção destes bens. Ele se sustenta não só através do estado, que, por meio de seus trâmites legais e instituições como a polícia militar e o exército impedem a população de agir de maneira efetiva contra a opressão que sofre, mas também se sustenta através da dominação ideológica.

É de suma importância para a manutenção do capitalismo fazer com que as pessoas acreditem que ele é o único meio possível de vida e que ser bem-sucedido dentro deste sistema é a única forma de atingir à felicidade. No entanto, esta ideia se prova uma falácia por dois motivos, o primeiro é que este é um sistema que visa a manutenção do poder nas mãos de poucos e que tem como um dos princípios a escassez de um produto para que haja sua valorização, logo, é preciso que haja muita pobreza no mundo para que a riqueza seja acumulada pelos capitalistas. O segundo, e mais urgente dos motivos, é que o crescimento não pode ser infinito, o crescimento sem responsabilidade é insustentável a longo prazo.

Rita Terezinha Schmidt, no texto citado, destaca que embora se tenha consciência de que problemas como o aquecimento global, a salinização dos mares e a destruição dos habitats de diversas espécies em função do agronegócio são gerados pela atividade humana (SCHMIDT, 2015, p. 15), estas questões vêm sendo ignoradas por diversos países do mundo para que haja manutenção de sistemas de produção de energia e exploração de recursos naturais. A única solução possível para este problema, segundo a autora, seria a educação, mas esta é sabotada pelos poderes vigentes e vem sendo conduzida de maneira estritamente tecnicista, faltando-lhe em seu estado atual, força política:

Se, por um lado, existe um consenso na ciência de que o aquecimento global se deve à ação dos humanos, por outro é fato que a questão ambiental é, via de regra, ignorada por políticas de estados nacionais que, ávidos por fontes de energia e de riquezas naturais na competição por desenvolvimento econômico e industrial, instrumentalizam o conhecimento científico para atingir suas metas. Assim, muito embora o conhecimento sobre o mundo natural tenha avançado significativamente nos últimos cem anos, esse conhecimento não tem tido o impacto social necessário em termos de políticas públicas, principalmente nas áreas econômica e educacional, áreas que poderiam alavancar a conscientização coletiva da necessidade de questionar o imperativo que rege o modelo de desenvolvimento e o conceito de prosperidade humana vigentes. (SCHMIDT, 2015, p. 13)

Rita Terezinha Schmidt destaca que as ciências tiveram sucesso somente na tarefa de reportar a catástrofe, mas que isso não foi o suficiente para fazer as pessoas se importarem com ela. A apatia em relação ao próprio futuro é compreensível, afinal a métrica de sucesso no atual modelo econômico é a do excedente de capital e não a qualidade de vida coletiva. Esta apatia também foi sentida por outros pensadores e desta percepção, aliada ao risco existencial que os desastres naturais

trazem consigo, surgiu um novo modo de pensar ecológico, um que não se limita a observação dos fenômenos físicos que destroem o planeta, mas que também busca compreender como aspectos culturais, como a literatura e as artes afetam o meio ambiente.

Apesar dos estudos de ecologia terem ganho um papel de destaque maior nos anos 1990, devido ao ganho de consciência da crise climática que se delineava no horizonte da história e que nos dias atuais se faz cada vez mais presente e incontestável, um dos primeiros estudos a relacionar literatura e ecologia foi publicado em 1978 pelo crítico literário William Rueckert em seu ensaio *Literatura e Ecologia: Um Experimento em Ecocriticismo* (RUECKERT, 1978). No início de seu ensaio o autor justifica a necessidade de uma nova forma experimental de crítica literária da seguinte maneira:

Eu invoco aqui[...] a primeira lei da ecologia: “tudo está conectado a tudo mais”. Esta é a maneira como Commoner¹ coloca, mas a lei é compartilhada por todos os ecologistas e todas as visões ecológicas. Esta necessidade de enxergar mesmo a menor e mais remota parte em relação ao todo é a ação intelectual principal exigida pela ecologia e por uma visão ecológica. Não é desconcertante, espantoso ou estupefante; é uma expansão de consciência. Por mais absurdo que isto soe, este trabalho é sobre literatura e a biosfera²(RUECKERT. 1978, p. 108, tradução minha)

A ideia radical que será apresentada por William Rueckert é a de que a literatura, como tudo que existe, é parte do todo, também faz parte da biosfera e está conectada a tudo mais, como indica a primeira lei de Commoner que é citada pelo autor. Uma das organizadoras do livro onde este ensaio se encontra, Cheryll Glotfelty, traz este conceito da seguinte maneira na introdução do mesmo: “a literatura não flutua acima do mundo material em algum éter estético, ao invés disso, tem um papel num sistema global imensamente complexo, no qual energia, matéria e ideias interagem”³(GLOTFELTY, 1996, p. XIX, tradução minha)

Como poder-se-ia então categorizar a literatura neste complexo sistema de interações entre coisas que podem ser desde humanas até não humanas, vivas ou não vivas? A resposta a qual William Rueckert chega é a de que a literatura contém energia renovável que é transferida cada vez que alguém é exposto a ela. Assim como a luz solar é absorvida pela crosta terrestre, e é convertida em energia pelas plantas e animais e faz com que nossos sistemas funcionem e cresçam de maneira complexa e ordenada, a literatura também permite que os nossos sistemas humanos se organizem da mesma forma. Diferentemente de outros seres que habitam a Terra, o ser humano desenvolveu a

- 1 Barry Commoner, autor de um dos primeiros e mais importantes trabalhos sobre ecologia do século XX, *The closing circle* de 1971, onde o autor estabelece as quatro leis da ecologia: 1 - Tudo está conectado a tudo; 2 – Tudo vai parar em algum lugar; 3 – A natureza sabe mais e melhor; 4 – Não existe almoço grátis.
- 2 I invoke here(to be spelled out in detail later) the first Law of Ecology: "Everything is connected to everything else." This is Commoner's phrasing, but the law is common to all ecologists and all ecological visions. This need to see even the smallest, most remote part in relation to a very large whole is the central intellectual action required by ecology and of an ecological vision. It is not mind-bending or mind-blowing or mind-boggling; it is mind-expanding. As absurd as this may sound, the paper is about literature and the biosphere.
- 3 Literature does not float above the material world in some aesthetic ether, but, rather, plays a part in an immensely complex global system, in which energy, matter, and ideas interact.

linguagem e através da linguagem nasceu a cultura, a literatura é uma das maneiras com que o homem pode criar e interagir com a própria cultura. Os escritores seriam os sóis que derramam energia sobre o papel e esta energia se preserva e se organiza primeiramente nas obras e posteriormente se espalha nas pessoas. (RUECKERT, 1978, p. 108-111, tradução minha)

A crítica ecológica da literatura então nasce para analisar a maneira como a literatura interage com a cultura e como esta cultura afeta os sistemas naturais dos quais fazemos parte. William Rueckert sugere a divisão dessas energias em duas categorias: entrópicas e negentrópicas⁴. A primeira nasce de um conceito da Física que diz que a matéria tende a se desorganizar e se dispersar no espaço em forma de calor, é a ideia de que tudo tende a se dissipar e perder a energia, até mesmo o sol eventualmente vai se apagar. Já a energia negentrópica é aquela que retarda o fim, a que vai negar a dispersão da matéria e do calor no espaço. Um exemplo de negentropia são as plantas, que absorvem os nutrientes e a energia do sol e impedem que estes se dispersem e se percam. Sendo assim, podemos dizer que a energia entrópica se perde e causa desregulação dos sistemas complexos, que sustentam a vida, e a outra é a energia utilizada para organizar os sistemas de maior complexidade que servem para gerar esta mesma vida. A biosfera é um equilíbrio destas duas energias e a preservação da vida e da felicidade depende de uma cultura que favoreça a negentropia em detrimento à entropia. O autor explica esta ideia da seguinte maneira:

⁵Poemas são plantas verdes entre nós; Se poetas são sóis, logo poemas são plantas verdes entre nós, pois eles claramente capturam energia que se destina à entropia e desta forma, não só elevam a matéria de sua forma mais baixa a uma forma mais elevada, mas ajudam a criar e um sistema que se autoperpetua e evolui. Desta maneira, eles ajudam a criar criatividade e comunidade, e quando a energia deles é liberada e flui em direção a outros, para novamente elevar a matéria de um estado mais primitivo para um estado elevado. (RUECKERT, 1978, p. 111, tradução minha)

Com isto, fica claro que para conseguirmos lidar com as catástrofes climáticas que se aproximam e continuar vivos e saudáveis é necessário também expandir a consciência da humanidade sobre a nossa casa-Terra e sobre como interagimos com ela. Uma maneira de fazer esta expansão é interna, lidando com a construção cultural do que é a vida. Levando isto em conta, o autor defende que os agentes mais importantes para a luta contra a destruição do meio ambiente seriam os professores, os atores, os escritores e outros profissionais ligados à literatura.

A análise poética do que é a literatura no sistema da ecologia feita por William Rueckert vai encontrar ressonância, pelo menos em parte, com outra obra importante para se pensar o papel da literatura no sistema de trocas energéticas que pode ser percebido pelos estudos de ecologia. Em

4 Em inglês entropy e negentropy, tradução minha.

5 Poems are green plants among us; if poets are suns, then poems are green plants among us for they clearly arrest energy on its path to entropy and in so doing, not only raise matter from lower to higher order, but help to create a self-perpetuating and evolving system. That is, they help to create creativity and community, and when their energy is released and flows out into others, to again raise matter from lower to higher order

1989 o filósofo francês Félix Guattari publicou *As três ecologias*, um pequeno livro em extensão, mas que se provou de grande importância para a construção de uma nova ideia do que é ecologia. As três ecologias são a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana.

No livro o autor traz a ideia de que o sistema capitalista, que é chamado por ele de Capitalismo Mundial Integrado(que chamaremos doravante de CMI), para se perpetuar e continuar existindo mesmo diante das catástrofes climáticas e da piora das condições de vida das pessoas que vivem sob ele, utiliza-se do fenômeno da cultura de massa(*mass media*) para criar uma subjetividade coletiva de massa, que o autor caracteriza como uma expansão do *American way of life*⁶. A perda da subjetividade individual gerada pelo aprofundamento das pessoas em produtos culturais rasos e infantilizantes, leva ao recrudescimento das relações interpessoais e também a uma maior dificuldade destas de se organizarem politicamente em torno dos interesses comuns da sociedade.

O livro de Félix Guattari e sua Ecosofia introduzem um novo elemento para o entendimento do papel da cultura na biosfera. Em seu texto fundador da ecocrítica William Rueckert nos apresenta poeticamente a ideia de que a literatura é como uma planta, que absorve a energia do autor e que renova esta mesma energia, retransmitindo-a ao leitor. Félix Guattari aprofunda esta ideia de maneira radical fazendo-nos perceber que existe uma fauna de ideias circulando no meio ambiente mental, mas que nem todas estas ideias levam à vida e à complexidade, isto é expresso com maestria na epígrafe do primeiro capítulo de seu livro, retirada de uma publicação científica de Gregory Bateson: “Há uma ecologia de ideias ruins, assim como há uma ecologia de ervas daninhas.”(GUATTARI, p. 27, tradução minha⁷)

Segundo Félix Guattari, a subjetividade de massa criada pelo CMI só pode ser combatida através do entendimento de uma nova forma de ler o mundo e de entender como a vida se organiza no espaço em que ela se encontra. Não se trata de um conhecimento unívoco ou maniqueísta como uma doutrina filosófica, um conhecimento científico ou a palavra de um grande líder, mas sim da formação de uma subjetividade individual que consiga se adaptar e lidar com a realidade nos três níveis ecológicos, começando com a ecologia subjetiva até chegar a coletiva. Em seu texto o autor propõe que só através de uma ética ecosófica as pessoas conseguirão ferramentas para reinventar a vida e combater verdadeiramente os problemas que as afligem:

Ecosofia social consistirá em desenvolver práticas específicas que modificarão e reinventarão as maneiras como viveremos como casais ou no contexto familiar, no contexto urbano, no trabalho, etc. Obviamente, seria inconcebível tentar trazer de volta velhas fórmulas que associamos a períodos em que o planeta era muito menos denso populacionalmente e de quando as relações sociais eram muito mais fortes do que são hoje.

6 Estilo de vida americano

7 There is an ecology of bad ideas, just as there is an ecology of weeds.

Mas será uma questão de literalmente reconstruir as modalidades de vida em grupo, não somente através de um esforço comunicacional, mas através de mutações existenciais levadas a cabo pelo motor da subjetividade.(GUATTARI, 1989, p. 34 – 35, tradução minha⁸)

O autor chega a esta conclusão percebendo, assim como Rita Terezinha Schmidt, que o conhecimento científico puro e técnico não consegue nos ensinar a viver, pois a vida se modifica e apresenta diferentes desafios para diferentes pessoas. A formação dessa subjetividade segundo ambos os autores se daria pelo estudo e apreciação da arte com o objetivo de construir novas formas de interagir com o mundo. Segundo Rita Terezinha Schmidt a arte, mais especificamente a literatura, abre perspectivas sobre diferentes formas de vida possíveis:

Se a literatura processa conhecimentos sobre a vida individual e coletiva sua relevância social se articula justamente pelo modo como abre perspectivas para formas de conhecermos quem somos nós, despertando o nosso senso de pertencimento a uma coletividade, desenvolvendo nosso senso crítico de modo a ressignificar a nossa relação com a realidade dos fatos, dos acontecimentos, da existência. Sem a literatura – cada vez mais ausente nos níveis de ensino básico e médio, e marginalizada no contexto de políticas públicas educacionais, reféns da hegemonia de uma concepção pragmático-utilitária do conhecimento cujo princípio básico é a produção de saberes funcionais e competências altamente especializadas para atender às demandas do mercado – nós nos empobrecemos. A destituição das condições para o desenvolvimento da reflexão crítica, da imaginação criativa e das disposições cognitivas e afetivas dos sujeitos, base da formação de civilidades, torna diminutas as chances de construção de uma ecologia social e política da qual depende a pacificação da sociedade e o saber viver-junto.(SCHMIDT, 2015, p. 22)

Por conta da já citada diferença entre a ecologia e outros saberes, em que a ecologia se diferencia de outros campos da ciência por ter um viés político que vai além de simplesmente analisar um objeto de estudo, o meio ambiente, mas também propor outras formas de interagir com ele, Félix Guattari caracteriza as diferentes produções culturais como articulações estético-ética em que a parte estética está intimamente engajada em criar na sociedade um agir ético, ecologicamente responsável. Segundo Félix Guattari, por conta da instrumentalização dos saberes científicos pelo CMI com o fim da sustentação do modelo de exploração vigente, cabe aos autores, professores, atletas, designers e profissionais da cultura e da saúde mental produzir maneiras de construir “territórios existenciais”, maneira como o autor chama o lugar psíquico onde as subjetividades que se formam de maneira coletiva, através da interação entre o indivíduo e o meio em que este vive(GUATTARI, 2001, p. 37-39).

8 Social ecosophy will consist in developing specific practices that will modify and reinvent the ways in which we live as couples or in the family, in an urban context or at work, etc. Obviously it would be inconceivable to try and go back to the old formulas which relate to periods when the planet was far less densely populated and when social relations were much stronger than they are today. But it will be a question of literally reconstructing the modalities of ‘group being’ [*l’être en-groupe*], not only through ‘communicational’ interventions but through existential mutations driven by the motor of subjectivity.

Em entrevistas, Lygia Fagundes Telles demonstra que este pensamento ético é fundamental para o seu fazer artístico. Quando questionada sobre esta interseção entre literatura e ética através da pergunta “a literatura melhora as pessoas?” a autora responde da seguinte forma:

Pode melhorar, sim. Pode desviar do vício, da loucura. Pode estancar a loucura através do sonho. Eu tenho um impulso que talvez seja um impulso cristão, pelo próximo. Eu tenho vontade de servir ao próximo, verdadeiramente. E a literatura me proporciona isso. E o que eu faço, acredito, com o máximo de competência que me é possível em com amor, com paixão, acaba chegando, de algum modo, no outro. Nunca vou esquecer de um jovem que ligou para mim, isso na década de 70, dizendo que estava lendo meus livros e, por causa deles, não queria mais se matar. Eu comecei a chorar no telefone, perguntei o que ele tinha lido pra pensar assim, em que texto ele sentiu que não queria mais morrer, e tal, eu estava muito nervosa, e o rapaz, muito emocionado também, respondeu que não sabia, só sabia que não queria mais se matar [...] Esse episódio me comove até hoje. Fico relendo às vezes meus textos, procurando, procurando, qual a palavra, meu Deus, qual a palavra, que foi capaz daquilo? Nunca vou saber. Mas essa certeza de que posso servir o próximo essa esperança, não vai desaparecer enquanto eu for viva. É uma forma de amor. Acho que é isso. No fundo, a literatura é uma forma de amor. (TELLES, 1998, p. 43)

Guillermo de La Cruz Coronado faz uma leitura da obra de Lygia Fagundes Telles que a coloca como escritora existencialista, não no sentido puramente sartriano, mas um existencialismo no sentido de ser uma escritora cujo principal conflito de sua obra é o da existência. Segundo o autor, “na análise da existência humana três dados são destacados por todas as correntes existencialistas, ainda que com ênfases diferentes: A mundanidade, ou o ser no mundo, a limitação individual e a liberdade de escolha. De cada um desses dados emana uma fonte própria de angústia.”(CORONADO, 1987, p. 39)

O autor coloca a mundanidade como uma angústia que surge no ser humano ao ser confrontado com a factualidade da existência. Um sentimento de abandono nascido da incerteza quanto à origem e ao destino, e também quanto a estar no mundo presente. A falta de sentido aparente na vida causa uma enorme angústia no ser humano, que frente a este problema tem como única escolha a criação de um propósito existencial.

Segundo Guillermo de La Cruz Coronado, para Sartre e outros existencialistas ateus este é o sentido de arte engajada, uma arte que tenta criar um sentido e um propósito para um mundo sem sentido através do engajamento político. O autor explica que para os existencialistas cristãos, como Lygia Fagundes Telles, que tem na sua fé católica um motor para a sua produção estético-ética, o abandono tem outra origem, pois o ser humano não é puramente factual, mas sim invenção de Deus, e ao se confrontar com o absurdo existencial, só pode se questionar porque foi abandonado sem no final encontrar qualquer resposta. Segundo o autor, o exemplo mais emblemático desta angústia na religião cristã “parece ser a irradiação, pela história da humanidade, do grito do Homem-Deus moribundo: Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?; Grito cujo mistério a Teologia Mística ainda não conseguiu decifrar satisfatoriamente.”(CORONADO, 1987, p. 40)

Por sua ênfase nas questões existenciais acontece pouca coisa nos livros da autora, a narrativa prende o leitor pela expectativa do que pode acontecer, em *As meninas*, por exemplo, os eventos que conduzem a trama já aconteceram, como a prisão do namorado de Lia, a suposta morte do irmão de Lorena ou os abusos sofridos por Ana Clara; ou estão sempre prestes a acontecer, a ligação de M.N., o casamento e a cirurgia de Ana Clara e a soltura do namorado de Lia. A obra lygiana se encontra neste limbo existencial onde habitam as personagens, vivendo a angústia de existir assombradas pelo passado e temerosas pelo futuro.(CORONADO, 1987 p. 49-51)

Toda esta angústia não tem a pretensão de ser paralisante, mas de representar na ficção estes momentos de transformação da subjetividade humana, nos quais através do contato com a existência surge na linguagem uma representação profunda da vida. Para usar um termo de Lorena, personagem de *As meninas*, a obra de Lygia Fagundes Telles não é sobre os eventos que acontecem na trama, mas sim sobre as “minhocações” dessas personagens diante de suas limitações individuais.

É importante ressaltar que estas “minhocações” não estão na obra somente para representar os pensamentos das personagens, como foi destacado no texto de introdução à obra lygiana no primeiro capítulo deste trabalho. Embora a autora trate da interioridade dos personagens em sua obra, esta interioridade é uma forma de representar através de imagens e situações a verdade da vida, seja no âmbito político, filosófico ou histórico.

Isto se conecta fortemente aos esforços feitos por este trabalho, e também por outros apresentados neste capítulo, de entender qual é o efeito que a literatura tem sobre o mundo, especialmente do ponto de vista da biosfera. Como foi destacado por Félix Guattari e Rita Terezinha Schmidt, cabe aos autores e críticos literários, entre outros profissionais criativos, trazerem para o debate público novas maneiras de estar em sociedade. Ou, para usar um termo ecosófico, criar territórios existenciais que permitam com que a sociedade consiga habitar a biosfera de maneira responsável e afetiva.

Ao escrever sobre as angústias existenciais que afligem suas personagens, Lygia Fagundes Telles faz uma cartografia desses territórios existenciais. O efeito disto é a expansão da subjetividade do leitor, fazendo com que este consiga ferramentas ecosóficas para interagir com o mundo físico, seja no âmbito da ecologia subjetiva, como foi o caso do rapaz que telefonou à autora para relatar a melhora de sua saúde mental após entrar em contato com a obra dela, seja na ecologia coletiva por engajar o leitor na luta contra o autoritarismo e a sociedade de classes.

Cabe neste momento ressaltar que o sentido de ecologia utilizado por este trabalho vai além daquele que normalmente é vinculado nos meios de comunicação. Aqui ecologia não se trata somente de um olhar sobre a destruição dos ecossistemas apartados das grandes cidades, o que

costumeiramente se chama de natureza. Ecologia, como citado anteriormente, é um estudo sobre nossa casa, ou seja, sobre como o ser humano constrói coletivamente o meio em que habita. Maximiliano Gomes Torres, em sua tese de doutorado em literatura, coloca desta maneira o que é ecologia:

Partindo de fundamentos ontológicos, que harmonizam a biosfera com todos os ecossistemas, percebemos que a ecologia (do grego oikos + logia) anuncia a habitação do homem e de tudo que o cerca, mas também de sua própria essência. que, o traço essencial do habitar, o resguardo, preserva os mortais e a Terra dos danos e das ameaças, sendo ação positiva de cuidar, permitindo o crescimento, o frutificar.(TORRES, 2009, p. . 84)

Tendo em vista esta noção ontológica de ecologia, o objetivo deste trabalho é entender ecosoficamente, através da literatura, como se dão as relações de gênero na sociedade. Para isto, antes de entrar na leitura de *As meninas* é necessário entender como funciona o campo de estudos do ecofeminismo.

A ideia de associar ecologia e feminismo surgiu pela primeira vez nos anos 1970, com a pesquisadora francesa Françoise d'Eaubonne, mas só ganhou popularidade em meados dos anos oitenta, assim como muitos outros conhecimentos ligados ao meio ambiente. A ideia do ecofeminismo é elucidar que a maneira como o homem degrada a Natureza de maneira equivocada e exploratória tem ligação direta com a maneira como o homem explora e aprisiona a mulher. Sendo assim, tanto o feminismo quanto a ecologia se beneficiariam de uma visão que os relacionassem. Maximiliano Torres traz esta fala de Fritjof Capra em seu trabalho para exemplificar esta relação:

Os(sic⁹) ecofeministas vêem a dominação patriarcal de mulheres por homens como o protótipo de todas as formas de dominação e exploração: hierárquica, militarista, capitalista e industrialista. Eles mostram que a exploração da natureza, em particular, tem marchado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a Natureza através dos séculos. (...) os ecofeministas vêem o conhecimento vivencial feminino como uma das fontes de uma visão ecológica da realidade (CAPRA, 1996, p. 27 apud TORRES, 2009, p. 105)

É importante ressaltar aqui que o ecofeminismo é uma área de estudos ainda jovem e em desenvolvimento, mas que já teve diferentes tendências teóricas e filosóficas que as diferem entre si apesar de apresentarem características em comum que as unam.

Maximiliano Torres destaca três dessas tendências do ecofeminismo. A primeira delas é chamada por ele de Ecofeminismo Clássico e se destaca por trazer uma ideia essencialista de feminismo, uma que acredita que as mulheres possuem inerentemente em suas naturezas características positivas que as diferenciam dos homens. Segundo esta corrente, a degradação natural, as guerras e o autoritarismo exercido por homens no mundo se devem ao fato destes homens sentirem a necessidade de demonstrar seu poder através da violência e da dominação.

9 No trabalho de Maximiliano Torres estava “os”, mas foi uma tradução, no texto original em inglês o gênero é neutro(they) e o tradutor optou por escrever no masculino, talvez por ser regra no português marcar grupos no masculino. Seria mais apropriado escrever “as ecofeministas”.

Segundo Maximiliano Torres, “há uma oposição da ética feminina de proteção dos seres vivos à essência agressiva masculina e esta se fundamenta por meio de características igualitárias, como também por atitudes maternas que acabam predispondo as mulheres ao pacifismo e à conservação da Natureza.”(TORRES, 2009, p. 105)

A segunda tendência do ecofeminismo apresentada por Maximiliano Torres é o Ecofeminismo Espiritualista do Terceiro Mundo, que se caracteriza por se relacionar com a luta anticolonial, antirracista, antipatriarcal, e antiantropocêntrica por entender que a destruição da natureza está associada ao desenvolvimento capitalista e colonialista da sociedade. Esta tendência está intimamente ligada à correntes revolucionárias das religiões do sul global, como os princípios religiosos de Gandhi na Ásia e a Teologia da Libertação na América Latina.

A terceira tendência apresentada por Maximiliano Torres, e a que mais se relaciona com as ideias apresentadas por este trabalho em relação à ecologia, é a do ecofeminismo construtivista. Embora compartilhe das ideias anti-imperialistas, antirracistas, antipatriarcalistas e anticolonialistas, esta tendência não é essencialista como as anteriores, e nem religiosa, como é o caso do ecofeminismo espiritualista do terceiro mundo. Segundo Maximiliano Torres o ecofeminismo construtivista “defende que a relação profunda da maioria das mulheres com a Natureza não está associada a características próprias do sexo feminino, mas é originária de suas responsabilidades de gênero na economia familiar, criadas através da divisão social do trabalho, da distribuição do poder e da propriedade.”(TORRES, 2009, p. 106)

A visão apresentada por este presente trabalho se diferencia da visão apresentada pelo ecofeminismo clássico por entender que a ideia do que significa ser uma mulher não é construída através de preceitos biológicos ou deterministas, e que, embora a biologia tenha alguma influência na construção da ideia de mulher na sociedade, essa construção é feita no campo das ideias e do social, acima de tudo.

Segundo Susana Funck em seu texto *O que é uma mulher?*(FUNCK, 2011), a construção essencialista da ideia de mulher é falha pois ignora e exclui outras experiências que também informam o que é ser mulher em detrimento às experiências voltadas para o entendimento de mulher como alguém que habita um corpo biologicamente feminino. Segundo a autora: “Ser mulher em Nova York na década de 1970 não significa o mesmo que ser mulher no Brasil em 2011. Ser mulher negra ou da classe trabalhadora não é o mesmo do que ser uma mulher branca de classe média, como tão bem sabemos agora. A identidade, como a de gênero, a sexual, ou qualquer outra, é produto tanto da cultura e do discurso, quanto da natureza que nos identifica na materialidade do corpo.”(FUNCK, 2011, p. 78)

O determinismo biológico, além de ser essencialista e simplificador, acaba contribuindo com uma visão dualista de mundo. É importante destacar que o ecofeminismo construtivista não só reconhece que a opressão da mulher e da Natureza tem origens em comum, mas também reconhece que toda opressão compartilha essa origem. A ideia de dualismo é exemplificada da seguinte maneira nas palavras da filósofa Val Plumwood:

processo pelo qual conceitos contrastantes (por exemplo, identidades de gênero masculinas e femininas) se formam pela dominação e subordinação e se constroem como oposicionais e exclusivas (...) No dualismo, os lados mais altamente valorizados (masculinos, humanos) são definidos como alienados e de uma natureza diferente, ou ordem de ser, do lado mais “baixo”, inferiorizado (mulheres, Natureza) e cada um é tratado como faltando em qualidades que tornam possível superpor associação ou continuidade. A natureza de cada um é construída de maneiras polarizadas através da exclusão de qualidades compartilhadas com o outro; o lado dominante é visto como fundamental, o subordinado é definido em relação a ele. O efeito do dualismo é, nas palavras de Rosemary Radford Ruether, “naturalizar a dominação” (PLUMWOOD, 2003, p. 31-2 apud TORRES, 2015, p. 107).

Esta ideia dualista de conceitos complementares, mas nos quais não há interseção de características, contribui para um melhor entendimento do que chamamos de sociedade falocêntrica, ou seja, aquela que tem o homem como centro das experiências universais e a régua através da qual qualquer outra é medida.

A visão dualista de mundo contribui para crenças como as que relacionam a mulher à Natureza, às emoções, à subjetividade e ao cuidado e o homem, de maneira contrastiva, à cultura, à razão, à objetividade e à guerra. A visão do Ecofeminismo Construtivista é a de que estas ideias contrastantes não são inerentes ao homem ou à mulher, mas foram construídas socialmente através da história humana com o objetivo claro de dominação da mulher e da Natureza. À ideia de que o homem está apartado da Natureza e dos animais, sob a justificativa de que este tem alma ou subjetividade, convencionou-se chamar de antropocentrismo. E à ideia de que o homem é diferente da mulher e deve exercer o comando sobre ela por ser melhor equipado para posições de liderança convencionou-se chamar de androcentrismo.

O intuito deste trabalho é exemplificar como a literatura e os estudos sobre cultura podem ser parte do esforço de preservação da biosfera, através da construção de subjetividades ecologicamente equilibradas. Por biosfera, quer-se dizer o conjunto de todos os ecossistemas terrestres, marcada pela interação entre a atmosfera, hidrosfera, litosfera e as diversas trocas energéticas que permitem a manutenção da vida. Mais especificamente, é analisar como o romance *As meninas* de Lygia Fagundes Telles, por ser uma obra que une ética e estética, como foi apontado anteriormente, pode fornecer ao leitor uma forma de entender e se engajar nas lutas relacionadas ao gênero e a dominação da mulher pela sociedade patriarcal. Para isso, é preciso trazer à baila uma última ideia antes de encerrar este capítulo.

Cherryl Glotfelty, na introdução do *Ecocriticism reader*, compara o surgimento dos estudos ecocríticos ao surgimento e à popularização dos estudos feministas na literatura. Segundo a pesquisadora Elaine Showalter, os estudos feministas seguiram uma progressão à medida em que foram se complexificando e ficando mais numerosos. A autora define três estágios de progressão dos estudos de crítica feminista.

O primeiro estágio é intitulado por ela “imagens de mulheres” que busca analisar na literatura como as mulheres eram representadas, o equivalente disto na ecocrítica seria tentar entender e demarcar o que são imagens de Natureza na literatura canônica através da análise de conceitos e imagens estereotípicas, como selvas, terras virgens, pântanos, Gaia e comunidades tradicionais e seus costumes.

O segundo estágio seria o da tradição literária de autoria feminina, ou seja, compreende o esforço de resgatar e divulgar obras de autoria feminina através dos estudos de gênero. Na ecocrítica, segundo Cherryl Glotfelty, este seria o estágio de resgatar obras que partem da reflexão sobre a Natureza ou escritas por autores de comunidades tradicionais, para gerar consciência ecológica.

O terceiro estágio é intitulado como o estágio da crítica feminista, que busca criar um arcabouço teórico para explicitar temas como sexualidade, opressão e identidade de gênero na literatura. Por consequência, na ecocrítica o terceiro estágio é o também é o mais teórico e tenta entender a relação do ser humano com o ambiente natural. Segundo Cherryl Glotfelty a terceira fase “questiona os dualismos prevaletentes no pensamento ocidental, que separam significado de matéria, mente de corpo, divide homens de mulheres e separa humanidade de Natureza” (GLOTFELTY, 1996, p. XXII-XXIII)”

Esta progressão não segue uma lógica de superação ou esgotamento, de maneira que um estudo do primeiro estágio não é menos relevante ou importante do que um estudo do terceiro estágio, a categorização dos estudos feministas e dos estudos da Natureza em fases tem o propósito de identificar as tendências do que era importante ser pesquisado na época em que estas pesquisas estavam acontecendo, além disso, as primeiras fases serviram de base para que as fases posteriores pudessem avançar.

Inspirado por estas classificações este trabalho se propõe a fazer uma análise do romance *As meninas* através de imagens que remetem aos elementos da Natureza. Estas elucidam a condição das mulheres na sociedade brasileira e levam à uma consciência ecológica. Além de um panorama sobre as ideias apresentadas no romance, serão utilizadas três imagens do mundo natural que apresentam ressonância com a condição de mulher das personagens principais do livro. Estas imagens são a da Natureza selvagem a ser conquistada e dominada através da violência e do poder,

no caso de Ana Clara. a imagem enclausurante da concha representando a dualidade do abrigo e do aprisionamento que a mulher ligada ao ambiente doméstico sofre, como é o caso de Lorena. Por último, será apresentada a imagem da pedra e da areia para entender como estas podem representar Lia, que busca a força e a unidade da pedra, mas se encontra dividida na figura de areia.

3. Imagens da mulher e da Natureza em *As meninas*

As meninas é o segundo romance de Lygia Fagundes Telles, publicado em 1973 durante a época mais repressiva da ditadura militar no Brasil. O romance se passa em uma metrópole brasileira e, embora isto não seja dito de maneira explícita, tudo leva a crer que a trama se passa em São Paulo. Pode ser inferido que o romance se passa no final dos anos 1960, ou no começo dos anos 1970, quando alguns embaixadores foram sequestrados e trocados por presos políticos ligados às forças armadas revolucionárias, uma destas pessoas é o namorado de uma das protagonistas, Lia.

O romance possui vários narradores, um narrador onisciente que narra em terceira pessoa e descreve os cenários, as personagens e as ações destas personagens, de fora da diegese. Além deste narrador distanciado, a maior parte do livro é narrada em 1ª pessoa pelas três protagonistas do livro, Ana Clara, Lia e Lorena, cada qual com sua forma peculiar de se expressar e interagir com as situações que lhe são apresentadas. Como foi dito no início deste trabalho, uma das características da obra literária de Lygia Fagundes Telles é o domínio da técnica de escrever os fluxos de consciência de seus personagens, sendo assim, embora as saibamos onde estão as personagens e o que estas estão fazendo no sentido material da narração, a maior parte do texto se ocupa do diálogo interno delas consigo mesmas, de suas memórias e de suas ansiedades, e, no caso de Ana Clara, de seus devaneios lísergicos e memórias fragmentadas por experiências traumáticas.

O efeito que esta narração feita em fluxo de consciência gera é a representação da personalidade e das experiências de vida de cada uma destas personagens, através de trejeitos, gestos e palavras. Cada uma das três personagens principais tem uma voz e um jeito de narrar que permite ao leitor identificar qual delas está assumindo o papel de narradora em cada momento. Em alguns pontos do romance há a troca de foco narrativo entre as personagens de maneira rápida e sucessiva, de maneira que a única maneira de identificar quem é a narradora da vez é identificar o jeito que estas narram.

O romance mostra os acontecimentos que se estendem por um curto período de tempo na vida das três jovens universitárias que moram em um pensionato de freiras, mas os acontecimentos, como foi dito na introdução e no capítulo anterior em relação ao aspecto existencial da obra Lygiana, são de menor importância para a autora, pouca coisa acontece, o livro se ocupa na sua maior parte em nos mostrar os dilemas existenciais das três personagens principais e nos fazer entender as complexidades delas.

A personagem que ocupa a maior parte do livro com seus pensamentos é Lorena, uma jovem de família rica e trejeitos aristocráticos. Lorena mora no maior quarto do pensionato de freiras onde as três jovens vivem. Lorena descreve o quarto como sua concha, e passa toda a extensão do

romance, com exceção das páginas finais, dentro dele, sonhando com o amor de um homem casado, tomando banho de banheira e bebendo chá com biscoitos importados.

A segunda narradora do romance é Lia, uma jovem de origem baiana que vai à São Paulo para estudar e após a instauração do regime militar se junta a grupos revolucionários ligados à luta armada. Lia apesar de ser uma militante de esquerda engajada, escreve romances sentimentais e sonha com o casamento e a maternidade ao lado de seu namorado, Miguel, que se encontra preso pela ditadura. É também filha de um ex-soldado nazista que desertou do exército alemão quando percebeu que estava lutando por algo que não acreditava e acabou indo parar na Bahia onde se casou e formou família. A personalidade de Lia mistura a austeridade alemã e o idealismo do pai com o carinho e o sentimentalismo da mãe, é uma personagem que encerra em si um conjunto de contradições, como a ideia de que a igreja precisa ser mais progressista, mas se revolta com a ideia de que os padres possam constituir família.

A última das meninas do livro é Ana Clara, uma jovem de origem pobre que conseguiu ingressar na universidade e tem sonhos de ascensão social por meio de um casamento de prestígio. Ana Clara foi vítima de abuso sexual na infância e tenta reprimir estas memórias com o uso indiscriminado de drogas. A narrativa de Ana Clara é dispersa e de difícil entendimento, pontuada por alucinações, devaneios e muita raiva de todos que passaram por sua vida.

O texto de *As meninas* serve de reflexão ecológica por conseguir realizar a cartografia das personagens no que Félix Guattari chama de territórios existenciais e nos leva à conclusão de que nenhuma subjetividade se forma sozinha, mas sim através da interação com as outras. Entre as três personagens principais do livro há sempre uma troca constante de costumes, gírias, conselhos e críticas. Mesmo quando as outras duas não estão em cena há um diálogo imaginário entre a narradora e as outras meninas, elas às vezes se lembram de conselhos, momentos ou extravasam seus sentimentos de remorso, raiva ou julgamento em relação às outras.

As meninas pode ser descrito não somente como uma história sobre três estudantes universitárias, mas também como um recorte da vida de uma comunidade de mulheres que tenta sobreviver em meio a um dos períodos de maior opressão na história do Brasil, que por sua vez, mesmo em períodos de normalidade institucional é um país que exerce extrema violência sobre suas mulheres. Há uma rede de cuidados entre as meninas e as pessoas que as cercam, seja na maneira como Lorena ajuda as outras meninas com dinheiro e favores ou na figura da mãe superiora do pensionato, Álix, que fornece apoio emocional e psicológico à Ana Clara e auxilia revolucionários de esquerda como forma de caridade.

Há no texto de *As meninas* diversas imagens que informam de maneira simbólica as condições destas mulheres, mas não somente delas, o texto através de suas imagens poéticas nos

permite extrair verdades gerais sobre a vida e refletir sobre a existência. Há diversas imagens no texto que podem trazer reflexões sobre o cerne da experiência humana, tanto imagens que remetem à natureza, como o gato de Lorena, cujo o nome é Astronauta e as baratas da infância de Ana Clara (TELLES, 2011, p. 532), quanto imagens associadas à cultura, e que revelam um aspecto da vida das personagens, como as quinquilharias de Lorena ou o Capital carregado por Lia num saco de pão que ao mesmo tempo esconde e revela.

Para esta parte do trabalho foram escolhidas algumas imagens poéticas que se relacionam com as meninas e que podem gerar reflexão ecológica sobre a condição da mulher na sociedade brasileira. São estas imagens as flores quebradas que se sustentam com a ajuda de um fio de arame e que representam as tentativas de Ana Clara de tentar se manter de pé após tantos abusos; as imagens minerais de um pedregulho e da areia que representam os anseios de Lia em se manter impassível e no controle do seu destino mesmo diante de suas limitações individuais; e, por último a concha cor-de-rosa de Lorena, que serve de abrigo, mas que também blinda o seu contato com o mundo.

4.1. Ana Clara e a flor quebrada

A imagem escolhida para representar Ana Clara, assim como muitas outras que a atormentam insistentemente, aparece pela primeira vez à personagem ainda na infância, quando esta tinha que trabalhar numa floricultura para ajudar a sustentar a mãe: “O cheiro frio de cimento, minha infância inteira é feita de cheiros. O cheiro frio do cimento da construção mais o cheiro do enterro morno daquela floricultura onde trabalhei enfiando arame no rabo das flores até chegar à corola.” (TELLES, 2011, p. 518).

A flor, neste caso a flor ornamental, representa algo que é desejado e arrancado da terra por sua beleza e seu perfume, para o deleite de outros. Assim como uma flor, Ana Clara tem na sua beleza e na capacidade do seu corpo de encantar o seu atributo mais definidor. A beleza de Ana Clara é percebida não só pelas pessoas que abusam dela, mas também pelas meninas, em especial por Lorena, que a inveja. A beleza de Ana iluminou-lhe a expressão. A cara encardida clareou no impacto. “É artista?” - quis saber. Mais ou menos, respondi e fiquei pensando que se tivesse metade dessa beleza, M.N. já teria subido umas cem vezes esta escada. Na minha concha como a pérola na ostra - não é poético?” (TELLES, 2011, p. 958)

Desde a infância Ana Clara sofre abusos por conta de sua beleza e também presencia os abusos sofridos pela mãe. Ana Clara, assim como as flores, que no processo da colheita e da manipulação sofreram danos às suas estruturas, é uma pessoa quebrada. Ela é constantemente

atormentada por lembranças de sua infância repleta de abusos e só consegue se livrar destas lembranças com ajuda de drogas pesadas: “Mas por que minha cabeça tem que ser minha inimiga, pomba. Só penso pensamento que me faz sofrer. Por que esta droga de cabeça tem tanto ódio de mim? Isso nenhuma analista me explicou, isso da cabeça. Só de porre me deixa em paz essa sacana”(TELLES, 2011, p. 444)

A narração de Ana Clara passa por duas fases que se alternam durante o livro, uma em que os efeitos das drogas começam a se esvair e ela fica extremamente depressiva e não consegue se desvencilhar das memórias traumáticas, seguido de outras em que ela consegue se livrar destes pensamentos através do abuso de drogas. Estes são momentos em que a habilidade da autora de descrever sensações, cores e objetos de maneira vívida ganha uma camada lisérgica, pois as descrições sensoriais se misturam com imagens fantásticas como a de braços que viram rios:

Os diabinhos ainda voam por aqui brincam comigo e eu dou beliscões em Max que nem sente, nem sente. É festa? Esqueça esqueça. Levanto a cabeça e entro na estratosfera podre de azul grito azul e deslizo azul até o chão rastro veludo-e-ventre a gente devia andar só assim liquefeita e azul colada ao chão escorrendo os braços de rio sem nenhum perigo de cair nem nada. Tanta coisa no chão olha aí. A brasa trinca os dentes e se apaga na água mas o gafanhoto adulto vem vindo e me olha com seus óculos redondos e me estende as mãos juntas e fica na minha frente com seus sapatos pretos de amarrar e meias brancas. (TELLES, 2011, p. 1263)

Apesar de fazer terapia e ter a ajuda da mãe Álix e das duas meninas, Ana Clara não consegue lidar com a realidade. Sendo assim, as drogas representam um movimento de fuga da personagem, que sonha em deixar de sentir. A verdade é que há um eco entre o tratamento feito nos dentes dela e a experiência de abuso sexual sofrida por Ana Clara durante o processo cirúrgico, essa experiência retorna a ela de forma simbólica em um momento de sonho:

Os sonhos alguns voltavam como aquele das flores. Flores enormes se abrindo e se fechando de todas as cores, as pétalas-portas, entre! Entre! Mergulhara até o fundo do caule se apertando como um túnel, lá onde corria um rio licoroso. Bebeu do rio até chegar à cerejinha espetada num palito. Mordeu-a e ela se contraiu dolorida, sangrando licor vermelho. Tirou o fio de arame, era num fio de arame que o coração estava espetado. “Comi meu coração” descobriu deslumbrada, pronto não ia doer nunca mais. (TELLES, 2011, p. 1434)

No sonho, Ana Clara invade a flor pelo topo, como é feito pela broca durante a cirurgia, e come o próprio coração, como foi feito com o nervo no interior do dente no processo de canal. O efeito desta invasão, tanto no sonho quanto no dente, é que Ana Clara tornou-se incapaz de sentir. Ana Clara não sente prazer sexual e só consegue sentir algum prazer pleno na vida quando está se drogando ou fingindo ser Lorena, embora isto também traga consigo muita dor.

Por ter sido objetificada a vida toda, Ana Clara vê na sua beleza a única forma possível de superar definitivamente a dor que sente, esta forma seria a superação da pobreza através de um casamento vantajoso. Isso faz com que ela, supostamente, tenha conseguido um noivado com um homem rico que ela não ama, embora este exija que sua noiva seja virgem. Para conseguir o

casamento Ana Clara recorre à Lorena para pagar uma cirurgia de reconstrução do hímen. Não é possível descobrir se esse noivado existe de verdade ou se é só uma ilusão de Ana Clara.

No oitavo capítulo do romance, acontece uma cena em que a autora consegue de maneira perfeita exemplificar o meio como a cultura dualista, comentada no capítulo três deste trabalho, que separa homens e mulheres e associa aos homens um papel de dominação sobre a mulher e a Natureza, está ligada à busca de validação da masculinidade através da guerra, da posse e da conquista. Um homem de meia idade encontra Ana Clara, completamente drogada e fingindo ser Lorena, na rua e a leva até um apartamento onde ouvem tango e ela desmaia na cama dele. Com ela semi-inconsciente na cama, o homem lê um texto enquanto sente enorme prazer sexual. O texto em questão é elucidativo pois associa generais, conquistadores e colonizadores a um amante, o galã italiano Rudolph Valentino, estrela de *O Sheik*, pois ambos demonstram virilidade e poder no ato de dominar uma mulher ou colonizar, matar e enriquecer:

Tirou os óculos de baixo da almofada de cetim vermelho com aplicações de crochê cor de chá. Colocou os óculos. A voz enrouquecida tropeçava nas palavras: - quando na tarde lúgubre de waterloo, napoleão desesperado, ordenou todas as baterias do seu exército em começo de derrota que despejassem seus balaços em compacta saraivada, romperam-se em dilúvio sobre o campo de batalha as comportas do firmamento. Então ouvindo troar a artilharia enterrada na lama e ouvindo trovejar no espaço por entre as cordas d'água, o homem fenomenal cuja a glória cesárea bruxuleava no definitivo dos cem dias, teria exclamado, com os olhos orgulhosos postos no céu: 'estamos de acordo!' [...] outros famosos conquistadores, ao soltarem do peito heróico o suspiro último, ouviram talvez desencadear-se em fúria os elementos da natureza cósmica na solene solidariedade trovejante, coriscante e pluviosa. Os grandes capitães não sucumbem sem o trovão, sem a chuva, sem o vento, sem o raio, para que a sua glória temerosa ainda mais acresça o esplendor terrorista da cólera solidari aos espaços. Ninguém contestará que Rudolph Valentino foi o maior conquistador do nosso tempo alucinante [...] sem dúvida ele não enviuvou a Andrômaca nem aceitou o duelo com Aquiles, nem conquistou as Gálias, não destruiu Cartago, nem tomou Constantinopla, não pelejou nas cruzadas nem esteve em Trafalgar, não transpôs Berezina nem trespassou com a lança o López, do Paraguai. Fez mais, porém, infinitamente mais[...] conquistou o coração de todas as mulheres que o viram na tela, e mal o viram... mal o viram experimentaram esse delíquio de platonismo amoroso, que é segundo os fisiologistas... a forma mais sutil da paixão mais temível... que não encontra finito no infinito da insaciedade! (TELLES, 2011, p. 3045)

Para este homem que a levou para o apartamento, Ana Clara é uma terra a ser conquistada, a Natureza, o gozo dele não vem por conta da relação sexual, mas sim por conta da certeza da conquista e da confirmação de sua virilidade.

A flor sustentada pelo arame representa melhor que qualquer imagem a angústia existencial de Ana Clara por mostrar como algo belo foi quebrado por sua beleza, mas ainda assim mantêm o esforço de ser belo e de permanecer de pé de qualquer maneira possível. Ana Clara está quebrada, mas resiste do único jeito que consegue, mesmo que de maneira equivocada através das drogas, das mentiras e dos esforços para se manter bonita e conseguir um casamento rico, sua última esperança: “Deitou-se de bruços. Estava tomando as coisas, certo. Mas quem podia se aguentar de pé sem viagem e sem analista. - quem – perguntou olhando fixamente o travesseiro. - Aquelas flores lá de

cabo quebrado. Elas não precisavam de arame? Então. Duro sustentar. Vergando de chateação. Mas ano que vem meu boneco, vida nova.”(TELLES, 2011, p. 506”)

4.2. Lia e as imagens minerais

Lia, militante de esquerda e estudante de Ciências Sociais, é a única narradora das três que está presente no mundo e no seu tempo o tempo todo. Faz pesquisas acadêmicas sobre a vida sexual das prostitutas na zona, publica jornais revolucionários, visita a mãe de Lorena e não se deixa enclausurar por nada. Lygia Fagundes Telles, mesmo na descrição do corpo de Lia, especialmente através dos apontamentos da demasiadamente asseada Lorena, escreve uma personagem que não se deixa prender nem mesmo pelas próprias roupas, os elásticos estouram nos cabelos vastos “padrão afro”(TELLES, 2011, p. 868), e as meias se afrouxam nas pernas que não param de andar: “Lia puxou as grossas meias brancas até os joelhos. A sacola de couro se resvalou para o chão, mas ela se concentrava nas meias, atenta como se esperasse vê-las escorregar em seguida[...] ou enforcam os joelhos ou ficam desabando. Olha aí. No começo este elástico apertava até me deixar roxa.”(TELLES, 2011, p. 112)

A vida de Lia é dedicada à luta revolucionária, mas ao mesmo tempo, as contradições da personagem que encerra em si valores tradicionais e sentimentos de romantismo constantemente se contrastam com os ideais revolucionários. Virgínia Maria Vasconcelos Leal em sua dissertação de mestrado sobre *As meninas*, argumenta que a personagem vive em um movimento ziguezagueante, ou pendular, entre os valores revolucionários e os tradicionais: “Lia, por suas opiniões sempre tão contundentes, é a personagem com o discurso mais marcado, não tão fluido quanto o de Lorena nem tão fragmentado quanto o de Ana Clara. Ela realiza os deslocamentos mais definidos em suas opiniões e posturas. Tem posicionamentos pendulares sobre quase todas as questões.”(LEAL, 1999, p. 108).

A postura contundente de Lia transmite um desejo muito comum entre mulheres que ocupam espaços tradicionalmente masculinos, como o meio acadêmico e a militância, especialmente na década de 1960. Virgínia Leal aponta que havia uma preocupação entre as mulheres da militância em assumir características ligadas à performance masculina para evitar abusos e conseguir ter algum poder de mobilização: “Era preciso ter topete (expressão apropriada de um corte de cabelo masculino)para participar dos comandos de algumas organizações. Ou seja, muitas mulheres tiveram que apresentar uma outra face também aprisionada aos papéis de gênero, agora reservados aos homens (lembrando de Lia que esconde o choro. “Militante não chora?”).” (LEAL, 1999, p. 110)

Esta vontade é representada na primeira das imagens minerais a serem tratadas neste capítulo, a de um pedregulho que a personagem acha no chão: “Apanho um pedregulho que aperto na palma da mão com tanta força, ô, ele resiste, posso ficar apertando até o fim dos tempos e ele intacto. Que alegria me dão as coisas que resistem assim.”(TELLES, 1997, p 2591). O pedregulho traz alegria à Lia, pois representa uma unidade inquebrável, a faz se admirar com a resistência do dele, pois a própria personagem tenta desenvolver em si características de força, resistência e contundência.

Infelizmente para Lia, esta vontade de força e resistência é frustrada por suas próprias limitações existenciais. Lia é emotiva, não consegue se investir completamente nas suas ideias revolucionárias e fica dividida entre estes e os valores tradicionais ensinados através da convivência com a sua família.

Esta divisão é melhor representada pela segunda imagem mineral deste capítulo, a da areia que aparece no seguinte trecho:

Lembro da ampulheta quebrada, entrei no escritório do pai pra pegar o lápis vermelho e esbarrei no vidro do tempo. Fiquei em pânico, vendo o tempo estacionado no chão: dois punhados de areia e os cacos. Passado e futuro. E eu? Onde ficava eu agora que o era e o será se despedaçara? Só o funil da ampulheta resistira e no funil, o grão de areia em trânsito, sem se comprometer com os extremos. Livre. Sou – digo e tenho vontade de correr até Lorena e avisá-la que nesse andar de minhocações poderemos participar do próximo congresso de filosofia com as corujinhas de prata na gola,ô! (TELLES, 1997, P. 4207)

Lia entra no escritório do pai para pegar o lápis vermelho, que pode representar tanto a sua busca por respostas nas ideologias de esquerda como o socialismo, quanto uma vontade de corrigir o que há de errado com o mundo, como uma professora faz com uma prova usando a cor vermelha. No entanto, esta busca quebra a ampulheta, um caminho invisível que transporta areia na direção em que esta deve seguir. Sem direção, a personagem tem que traçar o seu próprio caminho, um caminho original e angustiante, que a divide entre dois mundos, passado e futuro, tradicionalismo e revolução.

Mesmo que Lia deseje ser pedra, imóvel, inquebrável, resistente. Ela se encontra na condição de areia leve, moldável, que é levada pelo vento e representa a passagem do tempo. A areia, ao contrário da pedra, não detém poder nem imobilidade, ao contrário, se arrasta ao prazer das ondas e do vento, não tem onde parar e tem em seu valor máximo o correr. Lia busca as qualidades da pedra em si, por acreditar que estas teriam maior poder de mobilização na luta contra o regime militar, mas, no decorrer do romance nota-se que a sua natureza é de areia, condenando-a a vagar, a se emocionar, a mudar de ideia.

4.3. Lorena e a concha

Lorena vive no quarto mais privilegiado do internato, com banheira, muitas quinquilharias e amenidades. É também obcecada com limpeza e autocuidado e cuida também da higiene e do bem-estar das outras meninas. A personagem foi criada por sua mãe para se tornar uma dona de casa brasileira exemplar, sabe limpar, bordar e se preocupa excessivamente com a aparência e com a higiene, pois foi treinada para o serviço doméstico e para o cuidado familiar.

Lygia Fagundes Telles, em entrevistas, se refere a estas mulheres como mulher-goiabada, pois a imagem que vem à cabeça da autora quando pensa na dona de casa brasileira é a de uma mulher eternamente mexendo um tacho de doce, cuidando da casa e do marido. A vida destas mulheres, segundo a própria autora, não a de uma dedicação admirável, mas sim de servidão forçada: “A mulher vem tradicionalmente de uma servidão absoluta através do tempo e a mulher brasileira mais do que outras mulheres do mundo... Quando as mulheres do mundo já se comunicavam, através, por exemplo, das cartas, das correspondências das mulheres de salões, a mulher brasileira estava fechada em casa vivendo a vida das senhoras da fazenda... das senhoras da casa grande... viviam, não sabiam ler, não sabiam nem sequer escrever, não sabiam coisa nenhuma.”(TELLES, 1997, p. 57)

Segundo a autora, as mulheres do Brasil, por conta do enclausuramento servil, tiveram que se privar do contato não só com a sociedade, mas também com o próprio corpo e mente. Havia muito preconceito dos homens direcionado às mulheres letradas, pois achava-se que a leitura as distrairia do cuidado da casa, do marido e dos filhos. Por isso, toda a formação de subjetividade feminina, que se dá através da leitura, da escrita e da expressão pessoal, tinha que acontecer em segredo, em diários e recortes de folhetim escondidos.

A imagem da mulher-goiabada vem da própria mãe da autora, e a imagem aparece também no romance na mãe de Lorena, que sequer é nomeada. A autora descreve a situação da mãe da seguinte maneira: “[lembro-me] que era risonha, comunicativa, mas vendo hoje seus retratos, descubro em sua fisionomia tamanha tristeza. Ela era triste? Fazia doce de goiabada nos seus tachos de cobre e a expressão que eu uso hoje para designar as mulheres daquele tempo – mulher-goiabada – tem sua origem na imagem da minha mãe, mexendo, mexendo aquele doce.”(TELLES, 1997, p. 59). A mãe de Lorena é descrita da seguinte maneira: “Mãezinha fazia goiabada, cuidava do jardim, bordava toalhinhas e era glingue-glonge.”(TELLES, 2011, p. 906)

Assim como as outras meninas, Lorena sente na pele as transformações sociais que estão acontecendo na sua época, a liberação feminina e as novas práticas sexuais, no entanto, por conta de sua criação ela só aprendeu a viver em função da casa. Todas estas liberdades assustam Lorena que se fecha em seu quarto, com seus confortos e consigo mesma.

Lorena, por ter sido criada para servir a um casamento, não aprendeu ainda a existir fora do ambiente doméstico, as suas vivências vêm da literatura e do convívio com as outras meninas. Embora ela seja a narradora que mais tem voz no livro, do ponto de vista quantitativo, o que é narrado para o leitor não são experiências corporais, mas sim lembranças da infância e do suposto assassinato de seu irmão Rômulo, lembranças dos encontros com as meninas, diálogos internos com Lia e Ana Clara e o desejo de um relacionamento com M.N., um homem idealizado e impossível.

Ao contrário de Ana Clara e de Lia, que tem nos seus discursos, muitas experiências advindas do corpo, sejam de dor e entorpecimento, no caso de Ana Clara, ou de prazer e contato humano no caso de Lia, o discurso de Lorena tem poucos momentos de experiência corporal, embora eles apareçam em momentos-chave, como no momento em que ela rememora o prazer da masturbação na sua banheira e no piano da casa da fazenda (TELLES, 2011, p. 245).

Lorena chama seu quarto de sua concha cor-de-rosa e esta é uma imagem que nos faz entender seu dilema, a concha para o animal que se abriga nela não é somente um abrigo, mas também é uma barreira que o separa do mundo exterior. Sendo assim, é um signo que abarca a condição da personagem e de grande parte das mulheres até hoje, em que o lar representa ao mesmo tempo, um abrigo e uma prisão.

Em um momento de reflexão existencial, Lorena chega à uma “doutrina filosófica” de ser ou estar, na qual as pessoas só são ou existem quando elas não estão presentes no mundo. Assim como os moluscos que vivem nas conchas, Lorena consegue existir dentro dos limites das quatro paredes da sua toca, mas fora dela se sente perdida e vulnerável.

Faço filosofia. Ser ou estar. Não, não é *ser ou não ser*, essa já existe, não confundir com a minha que acabei de inventar agora. Originalíssima. Se eu sou, não estou porque para que eu seja é preciso que eu não esteja. Mas não esteja aonde? Fora de mim, é lógico. Para que eu seja assim inteira (essencial e essência) é preciso que não esteja em outro lugar senão em mim. Não me desintegro na Natureza porque ela me toma e me devolve na íntegra: não há competição mas identificação dos elementos. Apenas isso. Na cidade me desintegro porque na cidade eu não sou, eu estou: estou competindo e como dentro das regras do jogo (milhares de regras) preciso competir bem, tenho conseqüentemente de estar bem para competir o melhor possível. (TELLES, 2011, p. 3052)

As milhares de regras que Lorena sente que precisa observar para seguir o jogo revelam a relação da personagem com o papel social que foi ensinada a interpretar desde pequena. Por ter crescido em uma família rica, Lorena foi criada para ser a noiva perfeita, não somente prendada, mas também recatada e discreta. Ao entrar em contato com o exterior da concha, ela sente que se desintegra, torna-se competidora em um jogo de aparências.

A absorção da personagem nestas regras do jogo também revela uma falta de confiança nas próprias qualidades, em especial as físicas, Lorena se vê como fraca e sem graça, comparando-se a uma “magnólia desmaiada”. “Eu podia ser menos insignificante, não podia? Pernas de palito, desbotadinha, olha aí, me torro no sol e o sol não cola em mim. Magnólia desmaiada. O pior são

estes peitinhos pobres, oh, Oh!”(TELLES, 2011, p. 893). Ana Clara, em seus momentos solitários tenta se sentir superior à Lorena, também se valendo de seus atributos físicos. Mentalmente, ou em conversas com o namorado, chama a amiga, de insetinho, inseto-anã, mas faz isto também afligida por uma insegurança: a de não conhecer tão bem as regras do jogo que Lorena observa tão atentamente.

A imagem da concha, desta vez a concha da ostra, pode nos ajudar a entender simbolicamente a condição de Lorena. Nem toda ostra gera uma pérola, a pérola é resultado de um ferimento causado na carne do molusco que habita a concha da ostra, que pode acontecer por conta um grão de areia, pedaço de coral, ou qualquer outra impureza que penetre suas defesas.

Ana Clara se ressentida de Lorena e sente inveja dela porque as duas meninas viveram vidas opostas, Ana Clara não teve uma criação que a protegesse e que a educasse para habitar a alta-sociedade, que é o que ela mais almeja. Já Lorena foi criada dentro de sua concha cor de rosa como uma pérola na ostra, embora preciosa e guardada com cuidado, a sua formação enclausurante também encerra em si muito trauma e dor.

5. Considerações Finais

Em seu ensaio fundador da ecocrítica, William Rueckert, após tecer a sua tese de que poemas são plantas verdes de energia renovável, discorre sobre a generosidade de diferentes poetas. Ele apropriadamente utiliza a palavra generosidade para descrever o trabalho altruísta dos poetas em se dedicar com tanto afincamento à criação de textos que trazem em si não só beleza, mas também verdade. Segundo o autor, os poetas “nos ensinam que a literatura é um celeiro enorme, crescente e maravilhosamente diverso de criatividade e energia cooperativa, que não pode jamais ser extinguida. Literatura é uma verdadeira cornucópia, graças à generosidade contínua dos poetas, que geram esta energia através deles mesmos, buscando, e normalmente recebendo, muito pouco em troca além do próprio ato criativo.”¹⁰(RUECKERT. 1978, p. 108, tradução minha)

O intuito deste trabalho, assim como no texto de William Rueckert, é o de entender o papel da literatura na biosfera e de celebrar uma autora que pode ser considerada como uma das mais generosas, por sua dedicação exemplar ao trabalho com a linguagem e por saber o dever do escritor em registrar e se engajar nas lutas de seu tempo.

Infelizmente, Lygia Fagundes Telles faleceu aos cento e três anos, no dia três de março de 2022, durante a produção deste trabalho. Embora a autora tenha deixado o plano físico da existência, suas obras continuam vivas, pulsando e resistindo ao esquecimento. O livro *As meninas*, assim como as outras obras da autora, vem se tornando cada vez mais relevante para lidar com a realidade brasileira, especialmente após o fortalecimento da extrema direita no panorama político mundial.

Este panorama de ascensão da extrema direita e a noção de ecologia nos estudos literários se relacionam a partir da ideia apresentada neste trabalho de que a destruição do meio-ambiente não se limita somente ao mundo físico, mas também ao plano simbólico. Em seu texto “*Narrativas da diversidade na literatura brasileira contemporânea em tempos de urgência*”, Virgínia Maria Vasconcelos Leal destaca que:

Valorizar as diferenças e a coexistência de alteridades é fundamental para o distanciamento de quaisquer ideias totalizadoras e/ou autoritárias, que nos distanciariam de um presente e futuro sustentáveis. A popularização da ideia de biodiversidade, entendida «como a diversidade de organismos vivos e espaços em que vivem, que compreende a variedade de genes dentro de espécies e populações; de espécies animais, vegetais e microorganismos; de processos ecológicos num ecossistema; e de comunidades e ecossistemas trouxe à tona questões urgentes, não só em sua faceta ecológica. Cada vez mais, tal noção tem incorporado também a espécie humana e suas produções simbólicas, culturais e artísticas(Leal, 2020, p 11)

10 “they teach us that literature is an enormous, ever increasing, wonderfully diverse storehouse of creative and cooperative energy which can never be used up. It is like the gene-pool, like the best ecosystems. Literature is a true cornucopia, thanks to the continuous generosity of the poets, who generate this energy out of themselves, requiring, and usually receiving, very little in return over and above the feedback from the creative act itself.”

Aliado a isto, Felix Guattari em *As três ecologias* destaca que o modo de vida guiado por ideais de crescimento infinito e homogeneidade cultural, que ele chama de “capitalismo mundial integrado”, faz com que se perpetuem uma série de atitudes danosas à existência da vida na terra sob o pretexto de se atingir um ideal de vida guiado pelo *american way of life*. A busca por este estilo de vida acaba atrofiando a imaginação das diferentes populações e sufocando as vozes de diversas minorias.

Talvez a maneira de quebrar o ciclo de destruição em que o planeta se colocou após a chegada do antropoceno, período geológico em que, através do avanço técnico, o ser humano se constituiu como uma força da natureza capaz de interferir nos mais diversos biomas, seja através das humanidades. Se leva-se em conta que a degradação ambiental não acontece somente na realidade material, mas também nas trocas simbólicas, é importante a análise de ideias e da cultura como parte do meio ambiente em que elas se formam.

O romance *As meninas*, pelo modo como a autora utiliza o signo como forma de entender o mundo para além de seus significados iniciais, nos permite vislumbrar a realidade para além de uma visão de mundo dualista. O dualismo a que se refere é a divisão entre a cultura e a natureza como pólos opostos que se definem através de diferenças artificialmente impostas entre um e outro. Onde se associam valores positivos e elevados hierarquicamente ao masculino associando-o à ordem e à cultura em oposição ao feminino, que acaba sendo associado à emoção e à Natureza.

Como foi relatado no segundo capítulo deste trabalho, o ecofeminismo é a corrente de pensamento que consegue desnudar a relação entre a dominação do sistema patriarcal sobre a Natureza e a opressão da mulher, ao nos fornecer um arcabouço teórico para entender como foi criada a figura da mulher na cultura.

A generosidade de Lygia Fagundes Telles em *As Meninas*, assim como em toda a sua obra, é presentear o leitor com imagens novas e originais que permitem uma nova leitura da realidade. Destas, foram escolhidas três para análise mais profunda neste trabalho, uma para cada menina, três espelhos do absurdo que nos oferecem uma visão privilegiada sobre a condição humana.

Referências

- RÉGIS, Sônia. A Densidade do Aparente. *Cadernos de Literatura Brasileira*, PUC - PR, v. 1, n. 5, p. 84-97, mar. 1998.
- LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. Encontros e desencontros em as meninas de Lygia Fagundes Telles. *Expressão: Revista do Centro de Artes e Letras*. Santa Maria: UFSM, (1), jan./jun. 2002.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. (eco)conhecimentos e a literatura no limiar da vida que vem – introdução. In: SCHMIDT, Rita Terezinha; MANDAGARÁ, Pedro. *Sustentabilidade: o que pode a literatura?* Santa Catarina: EDUNISC, 2015.
- RUECKERT, William. Literature and Ecology: an experiment in Ecocriticism. In: GLOTFELTY, Cheryll and FROMM, Harold; (orgs). *The Ecocriticism reader – landmarks in literary ecology*. Athens and London: Univ. of Georgia Press, 1996, p. 124-136.
- GLOTFELTY, Cheryll. Introduction-literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold; (orgs). *The ecocriticism reader – landmarks in literary ecology*. Athens / London: The Univ. of Georgia Press, 1996, p. XV-XXXVII.
- GUATTARI, Felix. *The three Ecologies*. New Jersey: Athlone Contemporary European Thinkers, 2001.
- Entrevista/ A disciplina do amor In. *Cadernos de Literatura Brasileira*, PUC - PR, v. 1, n. 5, p. 27 - 43, mar./1998.
- CORONADO, Guilherme de La Cruz. Lygia e a condição humana. *Letras de Hoje*, v. 22, n. 1, 14 abr. 1987.
- TORRES, Maximiliano Gomes. *Literatura e Ecofeminismo: uma abordagem de A força do destino, de Nélide Piñon e As doze cores do vermelho, de Helena Parente Cunha*. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2009.
- FUNCK, Susana Bornéo. O que é uma mulher?. *Revista Cerrados: Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina, Brasília, DF*, p. 63-74 v. 20 n. 31, out. 2011.

TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Versão do Kindle.

TELLES, Lygia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy (org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria para a narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Mulheres;. Goiânia: Editora da UFG, 1997.